

NOTAS HISTÓRICAS Y GEOGRÁFICAS

Artículos

**LAS PERCEPCIONES DE LOS EUROPEOS SOBRE EL "OTRO":
DESCIFRANDO LA MICROSTORIA DE CARLO GINZBURG**

THE EUROPEAN PERCEPTIONS CONCERNING "THE OTHER":
DECIPHERING CARLO GINZBURG'S MICROHISTORY

Deivy Ferreira Carneiro
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
deivycarneiro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5285-7693>

Recibido el 20 de noviembre de 2021

Aceptado el 15 de marzo de 2022

Resumen

El objetivo de este ensayo es analizar la radicalidad de la microhistoria de Carlo Ginzburg analizando algunas de sus contribuciones más recientes (pero abarcando el reflejo de toda una vida) y mostrando cómo sus estudios de caso, leídos juntos, son capaces de revelar algo extremadamente macro: el comportamiento europeo hacia el otro a largo plazo, tanto cronológico como espacial. En definitiva, a través del análisis de pistas presentes en parte de su investigación, esperamos descifrar qué es más general y amplio (en el sentido microanalítico del término) en el pensamiento de Ginzburg, y así presentar la radicalidad de su proyecto historiográfico experimental y la irrelevancia de pensar sobre la microhistoria de este autor en términos de escala y una separación radical entre análisis crónicos y diacrónicos.

Palabras Clave: Carlo Ginzburg, Logosformeln, Microhistoria.

Abstract

The aim of this essay is to examine the radicality of Carlo Ginzburg's microhistory by analyzing some of its most recent contributions (but encompassing the reflection of a lifetime) and showing how their case studies, read together, are able to reveal something extremely macro: European behavior towards "the other" in the long term, both chronological and spatial. In short, through the analysis of clues present in part of his research, we hope to decipher what is more general and broader (in the microanalytical sense of the term) in Ginzburg's thought, thus revealing the radicality of his experimental historiographic project and the irrelevance of thinking about the micro-history of this author in terms of scale and a radical separation between synchronic and diachronic analyses.

Keywords: Carlo Ginzburg, Logosformeln, Microhistory.

Para citar este artículo:

Carneiro, Deivy Ferreira. Las percepciones de los europeos sobre el "otro": descifrando la microstoria de Carlo Ginzburg. Revista Notas Históricas y Geográficas, número, 29 Julio – Diciembre, 2022: pp. 01 – 16.

1 – Em um texto recente, Carlo Ginzburg defende a hipótese de que a micro-história, entendida como história analítica, longe de contrastar com a História Global, é de fato uma ferramenta indispensável para ela.¹ Seu primeiro argumento é que seria somente aparente a contradição entre as análises micro e aquelas macro, de perspectiva global. Contudo, essa contradição será aparente somente se adotarmos um importante recurso metodológico: a comparação. Ginzburg, na verdade, acentua sua premissa ao afirmar que a melhor maneira para realizarmos uma história comparada em escala global é a adoção de certos pressupostos desenvolvidos pela micro-história. Mas uma microanálise que precisa ser repensada do zero.

Ao repensar a micro-história do zero, Ginzburg segue um caminho, como observaremos, bem diferente da maioria dos micro-historiadores da sua geração. Ao contrário de Levi e Grendi, que se ampararam em métodos e insights da antropologia social de matriz britânica, o autor de *Os andarilho do bem* busca na história da arte warburguiana e na filologia síntese de Auerbach elementos para uma historiografia que possibilite uma história comparada em escala macro e que forneça subsídios da micro-história original.

A hipótese que desenvolverei nesse ensaio é que, ao fazer uso de técnicas inspiradas em Aby Warburg e Erich Auerbach, Ginzburg chega a conclusões parecidas – porém muito mais amplas – àquelas de Giovanni Levi² acerca do caráter experimental da micro-história. Evidente que são dois caminhos muito diferentes: Levi adapta para a História o modelo generativo utilizado pelo antropólogo Fredrik Barth, no qual o modelo seria basicamente uma pergunta geral (um experimento?) que se origina de formas diferentes a partir do exame da vasta documentação coletada, “as quais podem ser explicadas se aceitarmos que elas sejam o resultado cumulativo de um número de escolhas e decisões de ações criadas por meio de processos de interação e refletem, ao mesmo tempo, as coerções e incentivos com base nos quais as pessoas agem conforme um processo de escolha e obrigações em cada contexto específico”.³ O modelo implícito ao qual essa abordagem remete é o de um processo histórico que se desdobra por meio de dinâmicas que coloca em análise configurações sociais complexas, que são não-lineares e, a cada momento, imprevisíveis. A análise de Levi é experimental, pois percebe a causalidade como uma ampla abertura de possibilidades que precisam ser testadas e instrumentalizadas. As dinâmicas reconstituídas seguem as referências simbólicas e os espaços de relações que forem pertinentes nas diversas e sucessivas perspectivas individuais.⁴ Nessa ótica adotada por Levi, experimentos físicos e mentais são realizados pelo historiador, já que ele deve examinar cada possibilidade da forma concreta em sua dinâmica e complexidade, sem descartar, aprioristicamente, qualquer elemento, seja ele geral (global) ou específico (micro/local).⁵

¹ Carlo Ginzburg, “Microhistory and world history”. In J. Bentley, J., Subrahmanyam, S. & Wiesner-Hanks, M. (Eds.), *The Cambridge World History* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015), 447-448.

² Giovanni Levi, *A Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII* (São Paulo: Civilização Brasileira, 2000).

³ Fredrik Barth, *Process and form in a social life* (London: Routledge, 1981), 32-47.

⁴ Maurizio Gribaudi, Escala, Pertinência, Configuração. Revel, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise* (Rio de Janeiro: EdFGV, 1998), 129-130.

⁵ Giovanni Levi, “Micro-história e História Global”. In: Maíra Vendrame & Alexandre Karsburg, *Micro-História: um método em transformação*. 1ª ed. (São Paulo: Letra & Voz, 2020), 21.

No caso de Ginzburg, o experimento mental é fundamentado por meio daquilo que ele chamou de *Logosformel*; é uma adaptação criativa do conceito de *Pathosformel* criado por Aby Warburg. Ou seja, através de um procedimento adaptado da história da arte, Ginzburg consegue desenvolver formas de fazer experimentações no intuito de construir uma micro-história experimental mais radical do que a realizada por seus colegas, partindo de princípios epistemológicos completamente diferentes. Construiu assim uma leitura de autores canônicos da Literatura, Filosofia e História, mas a partir de uma subversão das interpretações canônicas: através do artifício da *Logosformel*, procurou analisar o caminho da transmissão de ideias, memórias, conceitos e percepções entre os mais variados pensadores. E assim, construiu uma sólida pesquisa que avançou para além do positivismo anacrônico e do relativismo pós-moderno. Senão vejamos.

2 – Como sabemos, o conceito fundamental para a compreensão do pensamento de Aby Warburg, a *Pathosformel* ou “Fórmula de Pathos”, expressaria inicialmente esse encontro entre o homem e o mundo, entre o homem, o trauma e o medo, resultando em uma fixação visual, baseada em um processo de mimetização de algumas qualidades (biomórficas) que se tornam petrificadas e fixadas como imagem. O referente original se caracteriza por exceder os limites da consciência cotidiana humana, ameaçando sua segurança e coerência.⁶ Além disso, a imagem, que é o resultado do encontro, registra a excessiva vitalidade da força externa em formas que usualmente expressam movimento. Em suma, a “Fórmula de Pathos” guardaria uma memória do encontro traumático com essa força ameaçadora da natureza e no curso do tempo, sendo fixada como um produto cultural, expressando conteúdos diferentes e particulares à medida que a história se desenvolve.⁷

Se as *fórmulas de pathos* ajudariam na iluminação das raízes antigas presentes em imagens modernas (não só as renascentistas, mas em obras como as de Pablo Picasso ou de David, por exemplo) e na percepção de como essas raízes são reelaboradas em cada presente, a *fórmula das ideias ou dos pensamentos* é utilizada em fenômenos muito diferentes daqueles imaginados pelo historiador da arte: Ginzburg se utiliza das *Logosformeln* como uma maneira de explicar como as raízes, não só antigas, de uma ideia ou de um pensamento – e ousamos a dizer, mitos e memórias – são recompostas em escritos com o intuito de produzir não somente a compreensão de um dado presente, mas na formulação de críticas das linguagens e das imagens políticas.

Ao recorrer às *Logosformeln*, Ginzburg procura sempre mostrar que as ideias, os pensamentos, as emoções e os conceitos são transmitidos em circunstâncias das mais diversas e completamente diferentes, nas quais os tempos mais ou menos curtos se entrelaçam com os tempos de longa e longíssima duração. Como observaremos adiante, Ginzburg questiona e reformula a sua micro-história, construindo-a como um experimento contrafacutal. E como Levi no seu *Herança Imaterial*, Ginzburg nos propõe um experimento que é um meio, e não um fim em si mesmo.

3 – Em seu artigo sobre a “Micro-história e História do Mundo”⁸, Ginzburg nos revela um estudo de caso que lhe permitiu construir uma micro-história experimental e fundamental para a percepção

⁶ Adi Efal, A “fórmula de Pathos” de Warburg nos contextos psicanalítico e Benjaminiano. *Arte & Ensaio, Revista do ppgav/eba/ufjf*, n. 35 (2018): 198.

⁷ Ibidem.

⁸ Carlo Ginzburg, “Microhistory and world history”... op. cit.

de elementos macro da história europeia. E, para compreendermos metodologicamente o que o historiador italiano propõe, devemos seguir detalhadamente o caminho adotado e o estudo de caso realizado por ele.⁹

Nesse artigo, Ginzburg analisa um livro intitulado *Conformité des coutumes des Indiens orientaux avec celles des Juifs et des autres peuples de l'antiquité*, publicado em 1706 por “La Créquinière” – um militar francês que exerceu suas funções em posto colonial localizado no sudeste da Índia. O historiador italiano afirma que nada conhece da trajetória desse sujeito ou sobre o seu treinamento.

No início de seu livro, La Créquinière afirma que seu objetivo era agir como alguém que, atualmente, classificaríamos como um etnógrafo: coletar informações sobre formas de cultivar a terra, roupas, alimentos, provérbios e peculiaridades linguísticas. Terminando o livro, ele acabou por abandonar comparações etnográficas mais específicas, propondo uma reflexão global sobre dois mundos diferentes: a Europa e o Oriente, analisadas em termos de uma oposição entre a modernidade e a antiguidade. A atitude contraditória de La Créquinière pode ser comparada ao que Ginzburg chama de o lado sombrio do Iluminismo: a Europa falava em nome dos povos colonizados no momento em que estava colonizando o mundo.¹⁰

Uma edição do *La Conformité*, arquivada na Biblioteca Nacional da França, em Paris, mostram que La Créquinière possuía uma boa erudição. A gama de suas referências vão desde os textos dos escritores gregos e latinos pagãos até os pais da Igreja (Agostinho, Clemente de Alexandria, dentre outros). Um exemplo será suficiente para exemplificar a sua forma de trabalho. Em um capítulo sobre perfumes, que seria incluído na segunda edição, ele propôs algumas alterações textuais à Vulgata e à Septuaginta pela forma como traduziram *Isaías*, 18, v. 2 e 18, v. 7. La Créquinière (que não sabia hebraico) substituiu “*dilaceratam*” por “*depilata*”, comparando o costume de raspar a cabeça dos antigos egípcios e o dos mouros leais ao Islã.¹¹

De acordo com Ginzburg, essa erudição e a análise realizadas acerca do Antigo Testamento pode ter despertado a curiosidade de Raguet, um religioso analisou a obra de La Créquinière com o intuito de censurar possíveis deslizes. As reflexões de La Créquinière sobre as atitudes indígenas em relação aos europeus não foram de forma alguma censuradas por Raguet. A inversão de perspectiva – um gesto potencialmente subversivo, já que dava voz as ideias dos nativos acerca dos europeus – não colocava em causa a revelação divina e por isso não ofereciam perigo.

Para Ginzburg, o manuscrito parisiense deve ser apreendido como um espaço no qual duas forças colidem, alternando momentos de conflitos (censura) e interação. Nesse sentido, esse texto pode ser submetido a uma série de experimentações repetidas; um método generativo não a partir da antropologia, mas a partir de uma leitura filológica aprendida com Eric Auerbach e Leo Sptizer. Essa cumplicidade imaginada (observamos aí o elemento experimental da reflexão de Ginzburg) e

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem, 464.

¹¹ Ibidem, 466.

inesperada entre o censor Raguét e La Créquinière sugeriu ao historiador italiano a reformulação de uma hipótese elencada anteriormente nesse artigo. O que parecia ser uma ambivalência do Iluminismo como tal – ora fundamenta elementos para um pensamento em que o europeu se coloca no lugar do outro, ora age de forma imperialista em relação ao outro – resulta de suas raízes cristãs. A ambivalência em relação ao outro começa então a ganhar contornos “globais” através de uma análise pautada nas *Logosformeln* de ideias cristãs que se tornam, ao longo do tempo, fundamentos de importantes discussões políticas acerca do status do não-europeu.

Observamos então o exame de um documento anômalo que revela o diálogo indireto entre censor e censurado. Um documento anômalo; *excepcional normal*, que possibilitou Ginzburg realizar uma reflexão, um experimento mental através de um estudo de caso. O historiador italiano apreendeu algo mais geral, mais amplo e, por que não, mais global: a ambivalência cristã como um fenômeno histórico duradouro.

A apropriação cristã da Bíblia hebraica como “Antigo Testamento” e como fundamento de uma série de profecias sobre Jesus – sobretudo o livro de *Isaías* – implicou em uma reversão da relação histórica entre as duas religiões.¹² De tudo isso surgiu um entrelaçamento de continuidade e descontinuidade, deferência e desprezo, inclusão e negação. Para Ginzburg, essa atitude ambivalente produziu não apenas duas perspectivas de leitura (alegórica e literal) para a Bíblia hebraica, mas a construção da própria noção de perspectiva histórica.

Segundo ele, essas ferramentas cognitivas – distância, perspectiva, múltiplas estratégias de leitura – funcionavam como armas na expansão colonial europeia.¹³ Mas essas mesmas ferramentas filológicas, como veremos agora, também forneceram a Ginzburg uma chave de leitura; a chave interpretativa para observar em um caso aparentemente sem grande importância, repercussões globais, tanto espaciais quanto cronológicas.

4 – Filologia irradiadora: a leitura de pequenos trechos de obras literárias (ou históricas) com o intuito de extrair desses textos conhecimentos para além deles mesmos. Um método anti pós-moderno, advindo de uma *slow reading* (a partir da experiência como aluno de Delio Cantimori) da obra de Erich Auerbach que possibilitou a Carlo Ginzburg, juntamente com suas análises pautadas na transmissão históricas e/ou morfológicas de ideias, pensamentos, símbolos etc. – *Logosformeln* –, descobrir algo extremamente global e macro a partir da feitura de vários estudos de caso: o perspectivismo cristão como fundamento do pensamento europeu que vai definir desde a forma que o homem europeu construiu sua visão de mundo – como ambivalência, conflito e multiplicidade – quanto a moderna filosofia ocidental e até mesmo o iluminismo. Através de limitados estudos de caso, o historiador italiano fez irradiar elementos amplos e globais da visão de mundo ocidental.

¹² Na verdade, em seu artigo *Ecce*, Ginzburg argumenta que as passagens de Isaías e outros profetas, interpretadas como profecias de Jesus, realmente *geraram* as passagens correspondentes dos Evangelhos: uma obviedade, da qual quase ninguém discute, mas que tem implicações extraordinárias. Para maiores detalhes ver: Carlo Ginzburg, “*Ecce*: sobre as raízes culturais da imagem de culto cristã”. In: Carlo Ginzburg, *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. (São Paulo: Cia. das Letras, 2001), 104-121.

¹³ *Ibidem*, 472.

Em um ensaio fundamental sobre a distância, Carlo Ginzburg afirma que em qualquer cultura, a memória coletiva, transmitidas por ritos e cerimônias, reforça o nexo de um grupo com o passado. Todavia, isso não pressupõe ou gera uma reflexão explícita sobre a distância que nos separa deles. Essa reflexão é gerada normalmente pela historiografia.¹⁴

Com o intuito de exemplificar esse raciocínio, Ginzburg relata o episódio da última ceia de Jesus, na qual Ele afirma: “isso é meu corpo oferecido por vós; fazei isso em memória de mim” (Lucas 22:19) e mostra como o apóstolo Paulo interpreta essas palavras de Jesus de uma forma um pouco diferente na primeira epístola aos coríntios, transformando o corpo de Cristo no que muito mais tarde foi definido como *corpus mysticum*; um corpo místico no qual eram incorporados todos os crentes. Tal fato, que implicava o desaparecimento de qualquer particularidade étnica, social ou sexual, gerou uma nova relação cristã com o passado judaico, assumindo novas formas.

De acordo com Ginzburg, em Agostinho, neoplatônico assim como São Paulo, o passado judaico e o passado cristão se unem por meio da noção de *figura*, conforme desenvolvida por E. Auerbach. Dessa forma, as palavras de João 6:53 – “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” passa a ter um sentido figurado, no qual a memória do sacrifício de Jesus seja recordada diariamente, mas também no momento da comunhão; da Santa Ceia. Todavia, é importante ressaltar que essas reflexões de Ginzburg são fortemente devedoras do pensamento de Erich Auerbach.

Como nos explica o filólogo judeu, *figura* é um termo latino que se cristaliza na helenização da educação romana, principalmente através de Varrão, Lucrécio e Cícero.¹⁵ Com os pais da Igreja na antiguidade tardia se transforma em um método de interpretação.¹⁶ Uma ferramenta intelectual capaz não só de explicar, mas intervir na realidade. Resumidamente, o procedimento figural relaciona dois eventos ou pessoas, no qual o primeiro significa e anuncia o segundo, e o segundo preenche e completa o primeiro. São chamados de *figura* e *preenchimento*. É importante evidenciar que *figura* é um acontecimento real e histórico, existente por si só, contudo relacionado com outro evento, igualmente real e histórico, por acordo ou similaridade. São atos concretos pertencentes ao tempo e a realidade seja do passado, presente ou futuro. Especificamente “todo conteúdo das escrituras é colocado num contexto exegético”, todo Velho Testamento se converte num amontoado de *figuras*, ou seja, anunciações prévias do surgimento de Jesus, dos eventos de sua vida, e das consequências teológicas e escatológicas-salvíficas de sua pregação e morte na cruz¹⁷.

Auerbach é preciso em argumentar acerca da importância que a interpretação figural teve para o sucesso do cristianismo desde seu princípio. No contexto judaico seria natural que os novos convertidos “procurassem prefigurações e confirmações de Jesus no Velho Testamento”. Segundo ele, São Paulo “procurava eliminar do Velho Testamento seu caráter normativo e mostrar que nele

¹⁴ Carlo Ginzburg, “Distância e Perspectiva: duas metáforas”. In: Carlo Ginzburg, *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância...* op. cit., 179.

¹⁵ Erich Auerbach, *Figura*. 3ª ed. (São Paulo: Editora Ática, 2006), 14.

¹⁶ *Ibidem*, 26.

¹⁷ Erich Auerbach, *Mimesis: a representação da realidade na literatura*. 6ª ed. (São Paulo: Perspectiva, 2015), 41.

tudo é apenas sombra de coisas futuras”. Posteriormente, na expansão cristã em direção ao ocidente, a interpretação figural europeia do Velho Testamento acaba por transformar um livro que trata da história e leis de um povo pequeno e distante, em uma série de prefigurações daquele Cristo que veio salvar, de forma global, todos os homens. Por esse expediente figural o Velho Testamento “passava ser aceitável para celtas e germânicos; era parte da religião universal da salvação e um componente necessário da igualmente magnífica e universal visão da história a ser transmitida junto com a religião.”¹⁸ Completamente ciente dessas discussões e, por que não, herdeiro delas, Ginzburg demonstra que, através do estudo dos escritos de Cícero, que lera na adolescência, Agostinho de Hipona elaborou sua teologia cristã com forte fundamento vindo da retórica. Ele aprendera que as instituições e os costumes mudam ao longo do tempo. Agostinho via no passado judaico um caso especial, ligado ao presente cristão por uma relação tipológica, uma leitura *figural* – a de que o Velho Testamento é, ao mesmo tempo, verdadeiro e superado.¹⁹

Entretanto, se a leitura figural de Agostinho estabeleceu uma relação tipológica entre essas duas religiões, uma leitura literal do texto sagrado gerou outro caminho. No seu mais recente livro, *La Lettera Uccide*, Ginzburg retoma a utilização que o bispo de Hipona fez dos recursos da retórica, dando um passo além daquilo que nos apresentou em seu livro *Olhos de Madeira*. No ensaio *Estilo: inclusão e exclusão*, o historiador italiano demonstra como Agostinho encontra resposta, na *de oratore* de Cícero, para a desafiadora pergunta que senador Volusiano havia formulado: como seria possível que Deus tenha aceitado sacrifícios judaicos no passado e que agora os condenava? Teria Deus mudado de ideia? Valendo-se da diferença entre *pulchrum* (belo) e *aptum* (adequado), Agostinho afirma que os sacrifícios judaicos eram adequados aos tempos antigos, mas que agora, pela vontade de Deus, não o são mais. O argumento formulado por Cícero para tratar da diversidade de estilos encontrava assim uma reformulação inesperada e nova que pensada numa perspectiva temporal, permitia Agostinho lidar com a imutabilidade divina e a mudança histórica.²⁰

Em sua obra *A Instrução Cristã*, o bispo de Hipona enfrentaria as diferenças culturais descritas no Velho Testamento. Segundo ele, os textos que *proíbem* uma ação vergonhosa (*flagitum*), criminosa (*facinus*) ou que ordenam ações úteis e benéficas não deveriam ser lidos em sentido figurado. Inversamente, se uma ordenança parece *prescrever* coisa vergonhosa, criminosa ou benéficas é preciso compreendê-las em um sentido figurado²¹. Ginzburg percebe então que os termos *flagitum* e *facinus*, funcionando como categorias assimétricas, serviram para Agostinho exemplificar, por exemplo, comportamentos constrangedores tal como a poligamia dos patriarcas. *Facinus*, pertencendo ao domínio invariavelmente negativo, estaria em certo escopo diametralmente oposto a *pulchrum*, que pertencia à esfera do positivo, igualmente imutável. Atuariam de forma muito semelhante a *flagitum* e *aptium*, respectivamente, possibilitando assim que Agostinho lidasse com a mutabilidade dos comportamentos no tempo e espaço.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Carlo Ginzburg, “Distância e Perspectiva: duas metáforas”. In: Carlo Ginzburg, *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância...* op. cit., 184-186.

²⁰ Carlo Ginzburg, “Estilo: inclusão e exclusão”. In: Carlo Ginzburg, *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância...* op. cit., 141-142.

²¹ Carlo Ginzburg, “La lettera uccide: Su alcune implicazioni di 2 Co, 3, 6”. In: Carlo Ginzburg, *La Lettera Uccide*. (Milano: ADELPHI, 2021), 53 e 54.

Ginzburg argumenta então que, ao longo da história do cristianismo, as leituras tanto figurais quanto literais da Bíblia, e as adaptações dessas leituras mediante artifícios da retórica, nas mais variadas discussões e situações, possibilitou ao europeu cristão relacionar-se com o outro de uma forma singular; servindo também como aparato tecnológico de expansão e subjugação de outras culturas:

Nessa flexibilidade, nessa disposição de compromisso com tradições religiosas estrangeiras, parece lícito ver uma característica persistente do cristianismo. Ela sido frequentemente acompanhado por formas ferozes de intolerância. Mas o fundamentalismo cristão nunca conseguiu superar uma espécie de "pecado original": a apropriação da Bíblia hebraica; a alegação de ser o *verus Israel*. O fundamentalismo cristão, alguém já disse, contribuiu para o imperialismo. Acredito, no entanto, que foi a fraqueza do fundamentalismo cristão que constituiu um poderoso instrumento do imperialismo. Anos atrás, escrevi que "no patrimônio tecnológico que permitia aos europeus conquistar o mundo havia também a capacidade, acumulada ao longo dos séculos, de controlar a relação entre visível e invisível, entre realidade e ficção". Hoje eu acrescentaria a essa lista a relação entre "letra" e "espírito": uma arma muito poderosa.²²

5 - Em seu mais recente ensaio,²³ Ginzburg retorna esse mesmo tema, mas de uma maneira diferente, discutindo a análise exegética do apóstolo Paulo a respeito do tema da *revelação* e como a interpretação enviesada dessa questão pode ser postulada como uma das muitas causas que gerou perseguição aos judeus no século XX. O historiador italiano inicia o ensaio com o debate envolvendo os conceitos de *profecia/revelação* presentes no *Tratado Teológico-Político* de Spinoza. Para tentar compreender a preponderância da análise do primeiro conceito e a quase ausência do exame do segundo, Ginzburg estabelece uma análise "logosfórmica" da *revelação*, enquanto termo judaico-cristão, que vai de Paulo a alguns pastores luteranos da Alemanha nazista.

Para tal, ele fundamenta suas hipóteses a partir do discurso de Paulo aos Coríntios contido em *2 Cor. 3:12-18*. Nesta passagem, o véu literal de Moisés (κάλυμμα) que era usado por ele após conversar com Deus no Sinai torna-se um véu metafórico (μη ἀνακαλυπτόμενον), que impediria os filhos de Israel de entender a nova aliança. A remoção do véu – revelação – ocorrerá, segundo Paulo, apenas com a conversão do povo judeu à Cristo. O que torna a metáfora da remoção do véu tão significativa é a expressão "velha aliança" (παλαιὰ διαθήκη), que, nas letras de Paulo e nos Evangelhos, é encontrada apenas aqui. A *revelação* de Deus em Cristo se apropriaria corretamente do significado da revelação no Monte Sinai, que teria permanecido obscura para os filhos de Israel. Entretanto, Paulo argumenta que essa revelação é marcada pela continuidade e descontinuidade, entre a nova fé e a antiga. Em suma, Paulo teria desejado enfatizar implicitamente que a apropriação do antigo pacto pela nova fé foi obra do próprio Deus. Apesar de Cristo ser o ápice da revelação, os judeus não estariam de fora dos planos divinos pois, em algum momento, como Paulo mostra em sua *Carta aos Romanos*, os judeus se converteriam a Cristo. Deus nunca rejeitaria seu povo escolhido: os cristãos são os ramos enxertados, mas são os judeus que sustentam a raiz.

²² Ibidem, 72.

²³ Carlo Ginzburg, *Svelare la rivelazione: Una traccia*. In: Carlo Ginzburg, *La Lettera Uccide*, op. cit., 221-235.

Como dissemos, para Ginzburg as origens da ideia de perspectiva histórica devem ser encontradas na relação ambivalente, feita de continuidade e descontinuidade, do cristianismo em relação ao judaísmo. Uma conexão perturbadora, se pensarmos que o senso de superioridade do cristianismo alimentou o anti-judaísmo em suas muitas versões – da Idade Média ao século XXI.

Ginzburg retorna então à antiguidade para mostrar que em meados do século II, Marciano rejeitou a identificação entre Deus, o Pai de Jesus e Deus, o Criador do céu e da terra: e em apoio à sua tese, que negou qualquer relação entre o cristianismo e o judaísmo, ele citou várias passagens das cartas de Paulo, consideradas por ele como parcialmente falsificadas. Já durante o nazismo, as tentativas de arianização de Jesus e de Paulo multiplicaram-se. Em novembro de 1933, um grupo nazista luterano chamado “Cristãos Alemães” (*Deutsche Christen*), declarou que o Antigo Testamento deveria ser removido das Escrituras, numa clara tentativa de tirar os traços de judaísmo dos escritos de Paulo.²⁴

Entretanto, como Ginzburg nos mostra, no discurso de Paulo, o passado, o presente e o futuro coexistem, de forma intimamente entrelaçada. Mas ao longo dos séculos; ao longo dos milênios, essa relação mudou. O fracasso do segundo advento de Jesus, considerado iminente por seus discípulos, levou a uma reformulação do elemento escatológico. E o elo entre presente e passado também foi alterado. A ligação ambígua com o Antigo Testamento abriu o caminho, paradoxalmente, para a possibilidade de ler o texto sagrado à distância, em uma chave potencialmente histórica, como evidenciado pelas reflexões de Agostinho sobre a poligamia dos patriarcas. Através do artifício da *Logosformel* Ginzburg demonstra, em mais de uma dezena de textos²⁵ (que por conta do espaço limitado desse ensaio, não podemos aprofundá-los), que tal perspectiva analítica elaborada por Agostinho a partir de Paulo, mas também lida e adaptada por Maquiavel, por Leibniz e por Montaigne podem ser postas, respectivamente, sob o signo da adaptação, do conflito e da multiplicidade. Todos tiveram influência duradoura. Enquanto Hegel combinou o modelo conflituoso de Maquiavel com a versão secularizada do modelo de Agostinho, a reelaboração do modelo conflituoso do filósofo florentino é evidente na obra de Karl Marx. Além disso, o perspectivismo é fundamental para compreendermos a luta de Nietzsche contra a objetividade positivista. Em suma, para Ginzburg, as metáforas ligadas à distância e à perspectiva ainda desempenham função importante na nossa tradição intelectual e foram elementos centrais na construção da modernidade europeia, para o bem e para o mal, como veremos agora.

²⁴ Ibidem.

²⁵ Carlo Ginzburg, “Microhistory and world history”... op. cit.; Carlo Ginzburg “La lettera uccide: Su alcune implicazioni di 2 Co, 3, 6”... op. cit.; Carlo Ginzburg, “Tolerância e comércio: Auerbach lê Voltaire”. In: Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. 1ª ed. (São Paulo: Cia. das Letras, 2007), 112-138; Carlo Ginzburg, “Distância e Perspectiva: duas metáforas”. In: *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância...* op. cit.; Carlo Ginzburg, “Estilo: inclusão e exclusão”. In: Carlo Ginzburg, *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância...* op. cit.; Carlo Ginzburg, *Rivelazioni involontarie: Leggere la storia contropelo*. In: Carlo Ginzburg, *La Lettera Uccide*, op. cit.; Carlo Ginzburg, “Ecce: sobre as raízes culturais da imagem de culto cristã”. In: Carlo Ginzburg, *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância...* op. cit.; Carlo Ginzburg, *Svelare la rivelazione: Una traccia*. In: *La Lettera Uccide*, op. cit. 221-235; Carlo Ginzburg, “Plasmare il popolo: Machiavelli, Michelangelo”. In: *La Lettera Uccide*, op. cit.; Carlo Ginzburg, *Il segreto di Montaigne*. In: *La Lettera Uccide*, op. cit.; Carlo Ginzburg, “La latitudine, gli schiavi, la Bibbia: Un esperimento di microstoria”. In: *La Lettera Uccide*, op. cit. Carlo Ginzburg, *Ancora sui riti cinesi: Documenti vecchi e nuovi*. In: *La Lettera Uccide*, op. cit., 186-201.

6 - O artigo sobre a distância, discutido anteriormente, é apenas um ponto de chegada das reflexões contidas em vários outros textos de Ginzburg. Observamos que mesmo compreendendo a importância de uma leitura figurativa e metafórica, ele percebeu que também era necessário trazer à tona aquilo que estava escondido na dimensão literal do texto. Nesse sentido, é preciso ressaltar aqui que a leitura da Bíblia em uma chave literal continuou a agir nos mais variados contextos. Em mais um estudo de caso, Ginzburg percebe esses elementos orientando os projetos de colonização transoceânica de Jean-Pierre Purry.²⁶

A partir da análise das memórias do colonizador suíço, Ginzburg examina a relação de ambivalência que marcou daquele em relação à escravidão e à colonização. Segundo ele, Purry foi capaz de ver a Terra como um todo, algo incomum em sua época. Como Purry conseguiu fazer isso? De acordo com Ginzburg, mesmo que inicialmente, Purry pensasse com a Bíblia (essa lhe fornecia seus argumentos) e, a partir dela, ele projetava palavras, experiências e eventos sobre o Livro Sagrado. Por conta disso, em vários momentos de sua trajetória, por exemplo, a ambivalência de Purry se transformara em conflito: ora justificava a conquista europeia do mundo fundamentando-se em argumentos teológicos do livro do Êxodo, ora defendia os não-europeus da brutalidade expansionista europeia.

Podemos mencionar um outro estudo de caso, que faz aflorar a visão de mundo do europeu, a partir da análise do perspectivismo de um intelectual do Iluminismo: Voltaire. Nesse texto²⁷ conseguimos perceber em conjunto os elementos mais importantes presentes na reflexão mais ampla do historiador italiano. Ele começa o texto ponderando acerca da crítica que Erich Auerbach faz a respeito de um texto de Voltaire, no qual o filósofo francês compara a Bolsa de Valores de Londres com um verdadeiro templo no qual não há distinção entre pessoas que professam religiões (cristianismo, judaísmo e islamismo) diferentes. Em seguida, através do recurso da *Logosformel*, nos mostra como essa fala de Voltaire havia sido inspirada no *Tratado teológico-político* de Spinoza, para quem Amsterdã seria a demonstração de que a liberdade de pensamento não seria perigosa do ponto de vista político. E por fim, argumenta que Voltaire se serviu do estranhamento (procedimento literário que transforma algo familiar numa coisa estranha, insensata ou ridícula) para exprimir sua concepção da irrelevância das diferenças religiosas e, mais ainda, para destruir a aura sagrada em que tais religiões estavam envoltas.

Ginzburg nos mostra que a hierarquia racial e mesmo o racismo no pensamento de Voltaire era amplamente partilhada pelos iluministas.²⁸ Essa visão racial em Voltaire foi reforçada, de acordo com Ginzburg, pelos negócios mantidos pelo filósofo francês, que desde sua juventude, investira altas somas na Companhia das Índias, que estava profundamente envolvida no comércio de escravizados, bem como na sua visão europeia e ambivalente acerca do outro: o racismo justificaria a pilhagem do mundo.

²⁶Carlo Ginzburg, “La latitudine, gli schiavi, la Bibbia: Un esperimento di microstoria”. In: *La Lettera Uccide*, op. cit., 12-30.

²⁷ Carlo Ginzburg, “Tolerância e comércio: Auerbach lê Voltaire”. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício...* op. cit., 112-138.

²⁸ Ibidem.

Voltaire compartilhava com seus contemporâneos uma série de atitudes que afirmavam a injustiça ao invés de negá-la. A ambivalência no pensamento de Voltaire, que marca a relação do europeu com o outro, é clara: o mesmo autor do *Tratado sobre a Tolerância*; o mesmo intelectual que divulgava uma reflexão positiva sobre o vegetarianismo e a necessidade de empatia para com os animais, propagava pensamentos racistas contra negros e judeus. E a incapacidade de Voltaire de viver à altura dos princípios universais do Iluminismo reforça a hipótese central de Ginzburg de que o europeu da modernidade é ambivalente em relação ao outro; ora respeita, ora explora – normalmente com justificativas religiosas e eventualmente com críticas filosóficas.

7 – Correndo o risco de ser redundante, creio ser possível afirmar que Ginzburg reformulou a micro-história no que diz respeito a maneira de se chegar a conhecimentos globais de longa duração, tanto temporais quanto espaciais, através da análise de um conjunto de estudos de caso. Na verdade, a micro-história primeva de Ginzburg, produzida nos anos 1970 e 1980 (*Andarilhos do Bem*, de 1966, também pode ser incluído nesse panorama), já nos fornece princípios para se pensar elementos macro: a análise da cosmovisão de um moleiro friuliano nos permite pensar na margem de manobra que os camponeses passaram a ter depois da invenção da imprensa móvel por Gutenberg, bem como pelos efeitos políticos propagados da Reforma Protestante.

Entretanto, em seus ensaios dos anos 1990 e 2000, Ginzburg avança nesse movimento. Os estudos de casos, examinados pela adaptação das lentes metodológicas e conceituais de Warburg e Auerbach, dentre outros, lhe fornece subsídios para uma leitura da relação do cristianismo com o judaísmo. Isso é muito importante visto que o possibilitou perceber algo extremamente global e macro: o fundamento gnosiológico da relação do europeu com o outro em longa duração. O cristianismo, nesse sentido, ao ser visto por seus teólogos como o ramo enxertado na oliveira, cujos galhos originais (judeus) haviam caído devido a sua incredulidade no messias; e ao se ver como o verdadeiro Israel de Deus, fundamentou uma relação de distância e continuidade entre cristãos e judeus; uma relação de proximidade e hostilidade.

A insistência na unicidade da Encarnação produziu assim uma nova percepção da história humana. E para o historiador italiano, o núcleo central do paradigma historiográfico pode ser visto como uma versão secularizada do modelo de adaptação, combinado com doses variadas de conflito e multiplicidade. Nosso modo de conhecer o passado estaria assim impregnado de uma atitude similar àquela cristã em relação aos judeus. Da mesma forma, a própria maneira como o europeu olhou para o “outro” ao longo dos últimos 500 ou 600 anos – permeada por conflito, mas eventualmente composta por doses de um perspectivismo carregado de multiplicidade, como o estudo de caso da trajetória da obra de La Créquinière demonstra – também pode ser remetida a essas questões tratadas aqui.

Talvez seja importante retomar agora algumas questões desenvolvidas por Christian de Vito²⁹ e que são, por outros caminhos, fundamentais para a compreensão da obra de Ginzburg em seu conjunto.

²⁹ Retomamos aqui, em um sentido diverso, a reflexão de De Vito acerca da importância de se pensar a história “fora” da ideia de escala. Para maiores detalhes ver: Christian G. De Vito, “History Without Scale: the micro-spatial perspective”, *Past & Present*, (Supplement 14), 2019.

Durante muito tempo a micro-história realizada pelo autor de *História Noturna* foi lida como se produzisse uma associação quase que exclusiva entre “o micro” e o “local”. Nesse sentido, a análise construída por Ginzburg em livros como *O queijo e os vermes* foi lida erroneamente como uma forma de transmitir a ideia de que locais específicos são “fragmentos” através dos quais processos “universais” podem ser observados, da mesma forma que as ciências sociais abordam os estudos de caso como meras exemplificações de teorias predefinidas.³⁰ O fundamento dessa leitura é que, ao, alternativamente, “ampliar” e “diminuir” o foco do microscópio, diferentes aspectos da vida de camponeses e de outros grupos subalternos tornam-se mais visíveis. Há assim uma confusão entre o tipo de análise (micro/macro) e seu escopo espacial (local/global), gerando assim diferentes potenciais heurísticos ao micro e à macro, de forma a impedir o estudo das relações entre os locais em todo o espaço.

Nossa hipótese caminha em outra direção: acreditamos que assim como a perspectiva micro-espacial, conceitualizada por De Vito, a abordagem de Ginzburg enfatiza (apesar de não adotar claramente uma leitura especializada do passado) a natureza social e historicamente construída dos lugares, iluminando a necessidade de investigar as conexões entre os locais, tornando a utilidade do conceito de escala desnecessária. Isso porque, mesmo quando as escalas não são colocadas em uma hierarquia – a escala macro/ global/grande sendo geralmente considerada como ‘superior’ do que a micro/local/ pequena – essa visão conceitual atribui características fixas e possibilidades de conhecimento a cada nível histórico e a cada nível de observação. Em suma, a história produzida por Ginzburg a história incorpora as práticas sociais em lugares singulares, mas amplamente conectados.

Nos últimos trabalhos de Ginzburg que trouxemos exemplificados acima, como os locais (de Amsterdã às Índias e à Indonésia) surgem como zonas de contato, e as relações sociais dali resultantes fundamentam conexões que “unem” vários locais. Os indícios e sinais produzidos pela circulação de indivíduos, objetos e ideias podem, portanto, ser seguidos pelo espaço e também ao longo do tempo. Indo além da divisão escalar entre macro/micro ao estudar as singularidades conectadas, Ginzburg constrói um programa de história verdadeiramente comparada. Entretanto, diferentemente de Marc Bloch, os estudos de Ginzburg analisados nesse livro permitem a percepção de como os discursos e as ações, por exemplo, foram produzidos pela circulação – “local” ou “global” – de ideias e de pessoas influenciaram de forma diferente as experiências dos indivíduos das pessoas imbricados em outros locais. Esse tipo de análise nos permite ir além das abordagens tradicionais de micro e macro como sinônimos de níveis nos quais agência e estrutura estão respectivamente localizadas.³¹

A história produzida por Ginzburg apresenta, em um mesmo estudo, elementos que se desenrolam de forma multissecular combinados com a epistemologia microanalítica que destaca a complexidade, a descontinuidade e a desigualdade. Nesse sentido, “assim como a singularidade de um lugar é feita por suas conexões simultâneas através do espaço, ela também é estruturada fora da multiplicidade de suas conexões passadas. Daí, a divisão tradicional entre análises sincrônicas

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem, 360.

e diacrônicas pode ser superada”.³² Nesse sentido, através do uso da morfologia e das *Logosformeln*, Ginzburg consegue destacar as diversas temporalidades dos processos que se reúnem em eventos específicos e produzem dinâmicas não planejadas e inesperadas. Esses procedimentos adotados por Ginzburg, entretanto, lhe possibilitaram avançar bem mais que a adoção de um modelo generativo ao estilo de Fredrik Barth. Lhe permitiu vislumbrar um elemento de longa duração no tempo e no espaço que moldou, de inúmeras formas, a relação do europeu consigo mesmo, com os “outros”, com os orientais e assim, com o mundo. O caso de Jean-Pierre Purry, por exemplo, um profeta da conquista do mundo do capitalismo, poderia quebrar algumas das barreiras que dividem a micro história “social” da micro-história “cultural”. Uma vida escolhida aleatoriamente consegue tornar “concretamente visível” a tentativa de unificar o mundo e suas implicações: apenas adentrando profundamente no interior de um indivíduo teríamos alguma probabilidade de entender a natureza dos fenômenos sociais.³³ *A micro-história como estudo de caso implica necessariamente uma relação entre um experimento circunscrito e sua generalização.*

A micro-história reformulada por Ginzburg radicaliza a possibilidade de um conhecimento muito mais amplo de valores e ideias, sem, efetivamente, se voltar para as metodologias da História Social. O que ele propõe, na verdade, é uma história na qual a ideia de escala não faz sentido; uma história em que as noções de sincronia e diacronia se tornam, de certa maneira, secundárias ou até mesmo, irrelevantes. Também não seria exagero afirmar, que por outros intrincados caminhos, Ginzburg já havia tentado realizar algo semelhante no seu *História Noturna*.³⁴ Só que ao contrário desse livro denso, que provocou acalorados debates, Ginzburg ampliou seus argumentos por meio de um conjunto de artigos e ensaios pautados em estudos de casos, muitas vezes anômalos. Se lermos os artigos de Ginzburg de forma isolada, vamos aprender sobre estudos de caso, sobre o debate contra o relativismo, sobre a História Moderna, etc. Talvez por não terem sido lidos de forma conjunta e complementar, não foram percebidos em sua inovação no que diz respeito a relação entre o macro e o micro; entre abordagens sincrônicas e diacrônicas e, sobretudo em relação a uma história verdadeiramente comparada. Se os lermos em conjunto, descobrimos aí uma obra de uma vida que possui uma articulação em busca de uma hipótese que explica o comportamento europeu em relação ao outro em longa duração. O pesquisador italiano, através de caminhos poucos usuais aos historiadores da sua geração, nos revela que o global não pode ser verdadeiramente conhecido sem antes analisarmos e conhecermos, através de uma leitura êmica, a maneira como as pessoas, em seus locais de interação com os outros, criam perspectivismo fundamentados na distância, conflito, ambivalência e também, na multiplicidade. E para assimilarmos tal coisa, precisamos aprender, através de uma leitura lenta e filológica, como as ideias, pensamentos, imagens e símbolos viajam no tempo e no espaço, para então, serem apropriados, reelaborados e enfim, reformulados.

³² Ibidem, 366.

³³ Carlo Ginzburg, “La latitudine, gli schiavi, la Bibbia. Un esperimento di microstoria”, op. cit.

³⁴ Atualmente existe uma tendência, defendida por exemplo, por Francesca Trivellato, de que o livro *História Noturna* seria um dos primeiros livros de micro-história Global. Na verdade, o problema que guia essa obra, como demonstramos ao longo desse livro, é muito mais o embate para resolver problemas em que o contexto do objeto analisado não é passível de ser conhecido. O problema central da obra é a tentativa de responder essas questões através do diálogo entre a História e Morfologia. Apesar de fazer uso da história comparada entre crenças em longa duração espalhadas por uma enorme parte do planeta, dizer que se trata de uma obra que oferece elementos da micro-história para a produção de uma obra de História Global, é um pouco anacrônica.

Bibliografía

Auerbach, Erich. *Figura*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática. 2006.

Auerbach, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2015.

Barth, Fredrik. *Process and form in a social life*. London: Routledge. 1981.

De Vito, Christian G. “History Without Scale: the micro-spatial perspective”. *Past & Present*, Supplement 14 (2019).

Efal, Adi. A “fórmula de Pathos” de Warburg nos contextos psicanalítico e Benjaminiano. *Arte & Ensaios*. Revista do ppgav/eba/ufrrj n. 35 (2018).

Ginzburg, Carlo. “Ancora sui riti cinesi: Documenti vecchi e nuovi”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. “Conversare com Orion”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. Distância e Perspectiva: duas metáforas. In: Ginzburg, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras. 2001.

Ginzburg, Carlo. “Ecce: sobre as raízes culturais da imagem de culto cristã”. In: Ginzburg, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras. 2001.

Ginzburg, Carlo. “Estilo: inclusão e exclusão”. In: Ginzburg, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras. 2001.

Ginzburg, Carlo. “Estranhamento: pré-história de um procedimento literário”. In: *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras. 2001.

Ginzburg, Carlo. “Il segreto di Montaigne”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. “La latitudine, gli schiavi, la Bibbia: Un esperimento di microstoria”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. “La lettera uccide: Su alcune implicazioni di 2 Cor, 3, 6”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. “Latitudes, escravos e a Bíblia: um experimento em micro-história”. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 15 (2007): 85-98.

Ginzburg, Carlo. “Microhistory and world history”. In J. Bentley, J., Subrahmanyam, S. & Wiesner-Hanks, M. (Eds.), *The Cambridge World History*. Cambridge: Cambridge University Press. 2015.

Ginzburg, Carlo. “Plasmare il popolo: Machiavelli, Michelangelo”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. “Rivelazioni involontarie: Leggere la storia contropelo.” In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. Svelare la rivelazione: Una trácia”. In: Ginzburg, Carlo. *La Lettera Uccide*. Milano: ADELPHI. 2021.

Ginzburg, Carlo. “Tolerância e comércio: Auerbach lê Voltaire”. In: Ginzburg, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. 1ª ed. São Paulo: Cia. das Letras. 2001.

Gribaudo, Maurizio. Escala, Pertinência, Configuração. Revel, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: EdFGV. 1998.

Levi, Giovanni. “Micro-história e História Global”. In: Vendrame, Maíra & Karsburg, Alexandre. *Micro-História: um método em transformação*. 1ª ed. São Paulo: Letra & Voz. 2020.

Levi, Giovanni. *A Herança Imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte no século XVII*. São Paulo: Civilização Brasileira. 2000.